

e sem a acção tutelar do Estado.

Civilização com *c* maiúsculo é o maquinismo ao serviço de toda a humanidade e não para fins explorativos dum grupo de especuladores; é o trabalho mais perfeito e menos penoso, como fima ginástica fisicamente útil ao corpo, e o não consentimento nas fábricas de mulheres e menores de compleição franzina. Civilização com *c* maiúsculo é a abolição de instituições parasitárias e contrárias à dignidade humana, desde o militarismo às casas de beneficência; é o banimento dos cárceres e dos juizes; a anulação do deslumbramento do capricho, da apoteose do luxo e do deboche e do esgarço de ainda os campos serem arroteados manualmente quando se descobriu a mecânica, de homens e gado puxarem carros carregados quando se inventou o vapor e a electricidade, de trabalhadores andarem léguas a pé quando temos a viação terrestre e marítima; o derruimento dos Barredos e a edificação de prédios próprios para seres humanos, onde o ar, a luz e a hygiene se cruzem salutarmente; a proscricção da fome e da nudez e a implantação do direito à Vida, regenerando-se a raça definhada. Enfim, Civilização com *c* maiúsculo é a inobrigação de se seguir esta ou aquela seita metafísica, quer religiosa, quer política; o aproveitamento de todas as forças da natureza, sendo colocadas à disposição não de uma casta de privilegiados e de ociosos, mas de toda a comunidade; o afastamento de tudo o que implique com a existência, o bem estar e a liberdade dos povos, terminando-se duma vez para sempre com as barreiras tanto nacionais como internacionais, e acabando-se com as fazendas, com os impostos, com as taxas e sobretaxas...

É isso o que a actual confagração se propõe fazer? Não resta dúvida que *sim*... E se os benefícios são tão sacrossantos, tão leais, tão reformadores, que tem lá que a humanidade se despedace, se entretchoque, se confunda no charco de lama e sangue? Que tem lá que a maior parte do mundo fique órfã, viúva, sobrecarregada com dívidas, sem falta de trabalho mas com impostos de guerra? Combate-se pela Civilização: para se modelar os costumes e reformar os hábitos tem de se desrespeitar as crenças, as vontades, os modos de ver alheios; para se desenvolver as artes, as sciências immortíferas e as letras, é indispensável fiscaliza-las com rigor; para se multiplicarem as escolas e frequentá-las livremente é necessária a escolha de alunos que satisfaçam as propinas, andem docentemente vestidos e não tremeliquem de

partado; para se criarem escolas profissionais e oficinas e fábricas arrojadas e amplias, urgente destruir as que há pelo incêndio e pela metralha; para se proceder a divisão equitativa do trabalho é mister estabelecer, como medida *transitoriamente* interminável, uma burocracia dirigente com o respectivo bonus para a sustentar; para se pôr o maquinismo ao serviço da humanidade, torna-se inadiável a conquista dos caminhos de ferro, das minas e dos mercados estrangeiros. Ampliam-se as fronteiras, para se terminar com elas; talam-se, revolvem-se, pisam-se, entulham-se, regam-se os campos com o sangue bendito dos exércitos *civilizadores* para, de novo, se adubarem quimicamente e os arrotearem mecanicamente; arrazam-se as cidades para, depois de terminada a luta, se construírem prédios excelentes para toda a população. E para se terminar com o luxo e com o capricho, com os cárceres e com os juizes, para os trabalhadores não passarem fome e terem já uma garantia do quanto isto tudo é verdadeiro, as autoridades proíbem cá na república as manifestações do Primeiro de Maio, espancam brutalmente os trabalhadores na praça da Trindade por, num legítimo direito, pretenderem realizar um tradicional comício, e postam forças às portas dos armazéns dos grandes assambarcadores, que o fazem por espírito de economia de géneros, para o povo roubado não se *abastecer* do que lhe é necessário à existência, apesar dos assambarcadores não cumprirem a lei, chucharem com a lei, rirem-se da pusilanimidade do governo, das autoridades, do governador civil...

E como está provado que o mundo não se modifica sem a eloquência do canhão, nós aplaudimos esta guerra, porque terminada ela o trabalho será mais perfeito e menos penoso, não haverá fome, e teremos luz, ar e hygiene no corpo, na alma e no espirito...

CLEMENTE VIEIRA DOS SANTOS.

O NOSSO INTERVENCIONISMO

Pois que os governos e oligarquias desencadearam a horrível chacina — que uma revolução, sem dúvida muito menos sangrenta, teria poupado, poupando ao mesmo tempo os males da miséria; — pois que os senhores do dia mandaram os rebanhos à matança, procuremos ao menos tirar destes horrores todas as consequências úteis possíveis.

Como?

Colaborando na «União Sagrada»? Compartilhando as res-

ponsabilidades dos governos? Dando a guerra entre Estados novos fins superiores? dando ao «patriotismo» político novo significado ideal? dando ao Estado e ao militarismo novos encargos defensivos? novos motivos de vida? Particularizando responsabilidades e isentando de culpa o nosso governo nacional e as causas fundamentais das chacinas entre povos? Lançando a semente de ódios e novas guerras entre as nações? Afirmando uma falsa solidariedade nacional entre nós e os nossos opressores e exploradores, e consolidando ao mesmo tempo, pelo exemplo e pela ameaça do perigo, a união nacional e o militarismo do «inimigo»?

Ou continuando a afirmar a incompatibilidade entre opres-

Sermões ao ar livre

Na última semana santa, o papa proibiu as exhibições cinematográficas nas igrejas. Falta de facto...

Um dos maiores atractivos dos templos, na semana da Paixão divina, é o culto de outra paixão mais humana. São então numerosos, ali, os rapazes de flor na lapela, de olhar vivo e perscrutador, buscando os contactos doces, deliciando-se nos quentes apertões, beliscando carnes rijas e redondinhas, suspirando endeixas e cumprimentos, ciciando orações à deusa do Amor e da Beleza, na mística obscuridade da nave, à luz tremente e pálida dos cirios, no meio de aromas elanguescentes...

Ora o cinematógrafo gratuito seria mais um chamadoiro — sobretudo nestes bicudos tempos de carestia e de guerra.

E a questão tem outro aspecto.

Usar os progressos da mecânica é entrar na estrada larga do progresso, e a Igreja deve naturalmente adaptar-se às exigências dos novos tempos, e como toda a indústria capitalista, introduzir a máquina onde encarece e escasseia a mão de obra.

Há regiões onde se faz com dificuldade o recrutamento clerical. E depois, por maior que seja a disciplina, um exército dá sempre amargos de boca ao seu chefe: há as indiscreções, o modernismo, as escandalosas paixões da carne, os rendimentos que chegam ao cofre central sensivelmente roídos, a concorrência desenfreada quando são numerosos os colegas...

Pois bem: é recorrer à máquina.

Já se adopta algures o automóvel-capela. O aeroplano também pode prestar grandes serviços — despejando sobre as populações as eficazes granadas da fé, não menos devastadoras de mulheres e crianças do que as bombas em voga.

sores e oprimidos? Preparando-nos moralmente para acusar todos os factores e lucra-dores da guerra? Mostrando a guerra como incapaz de resolver o mais simples problema de liberdade — económica, política ou étnica? mostrando o «patriotismo» como religião do Estado? mostrando o Estado e o militarismo como defensores do privilégio burguês, contra os sem-eira-nem-beira? Apon-tando as verdadeiras causas e os únicos remédios da guerra? Afirmando mais do que nunca a necessidade da Internacional dos explorados? Dando o exemplo da guerra aos opressores e da paz entre os oprimidos?

Reveste esta segunda forma o nosso intervencionismo, porque continuamos anarquistas.

E que partido não poderia a Igreja tirar do fonógrafo?

Quem não prevê a economia de oradores sagrados, de officiantes, de cantores, de músicos, de sacristães, que semelhante instrumento pode realizar?

E os aparelhos automáticos? «Introduzam um vintém e obterão uma hostia devidamente consagrada para comungar.»

Um alegre cortejo para diante dum autómato. A ama aproxima o recém-nascido, o padrinho introduz uma libra, a libra faz lá dentro *tilim!*, pondo em jôgo o mecanismo, e este executa os gestos necessários, entornando sobre o bebé uma tija de água, enquanto no interior um fonógrafo rouqueja o latinório apropriado — e eis consumado o baptismo.

Há povos atrasados da Asia que já tem um «moinho de orações»; é vergonhoso que a nossa civilizada religião seja tão lenta em acompanhar os últimos progressos da maquinaria!

ZENO VAZ.

Tecelões Mecânicos. Convite. — Para tomar conhecimento dum officio que a Associação industrial enviou a esta collectividade, em resposta às reclamações que esta Associação formulou no último movimento grevista, devem reunir hoje, pelas 9 e meia horas, os operários tecelões, na rua do Monte-belo, 494-1.º. Atendendo à magnitude do assunto espera-se que ninguém falte.

Revolução Social. — Reune na segunda-feira este grupo de propaganda anarquista, no lugar do costume.

Toda a correspondência deve ser dirigida a J. Campos, rua do Sol, 131.